

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
Escola de Belas Artes
Programa de Pós-graduação em Artes
Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas

Gizele Fátima Brugger de Assis

**A PINTURA COMO EXPRESSIVIDADE DAS ARTES VISUAIS:
interação com as obras de Ivan Cruz**

Contagem

2020

Gizele Fátima Brugger de Assis

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Orientadora: Giovanna Viana Martins

Contagem
2020

ASSIS, Gizele Fátima Brugger de.

A PINTURA COMO EXPRESSIVIDADE DAS ARTES VISUAIS:
interação com as obras de Ivan Cruz/ Gizele Fátima Brugger de Assis.
– 2019.

47 f., enc.

Orientador(a): Giovanna Viana Martins.

Monografia (especialização) – Universidade Federal de Minas
Gerais, Escola de Belas Artes.

Referências: f. 45-46

1. Artes visuais – Especialização. 2. Estudo e ensino –
Especialização. I. Título. II. MARTINS, Giovanna Viana. III.
Universidade Federal de Minas Gerais. Escola de Belas Artes.

CDD: 707



Nome: **GIZELE FÁTIMA BRUGGER DE ASSIS**

A PINTURA COMO EXPRESSIVIDADE DAS ARTES VISUAIS: INTERAÇÃO COM AS OBRAS DE IVAN CRUZ.

Monografia de Especialização apresentada ao Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes, do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, da Escola de Belas Artes – EBA, da Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG, como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas.

Pelas condições da Banca Examinadora a aluna foi considerada: **APROVADA.**

Professora Giovanna Viana Martins – CEEAV/ EBA/ UFMG - Orientadora

Professora Jussara Vitória de Freitas do Espírito Santo – CEEAV/ EBA/ UFMG – Membro da Banca Examinadora

Prof. Patrícia de Paula Pereira
Coordenadora do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas - CEEAV
Programa de Pós-graduação em Artes – PPG Artes
Escola de Belas Artes/ EBA – UFMG

Resumo

Este trabalho resulta de esforços na construção e desenvolvimento de uma metodologia que visa favorecer a expressividade de crianças por meio das Artes Visuais, especificamente voltado para a pintura. A experiência cotidiana em escolas de educação infantil e ensino fundamental reforça o que a literatura, por meio do referencial teórico, apresenta: a infância como essencial na formação humana. Nesse sentido, o brincar ocupa lugar de destaque. Todavia, em defesa da alfabetização, acrescido da ausência de formação docente que abarque com intencionalidade a Arte na escola, isso não tem se efetivado em muitas instituições. Considerando essa realidade, a proposta visa inserir, no contexto da Educação Infantil, produções estéticas nas quais as crianças convivam com processos de apreciação, reflexão, conhecimento, e que sejam protagonistas nos mesmos. Escolheu-se o trabalho do artista brasileiro Ivan Cruz que, por privilegiar brinquedos e brincadeiras em suas obras de arte, utilizando-se de cores fortes e cenários comuns, envolve, encanta e atrai o olhar da criança. Para além dos aspectos que chamam atenção em sua biografia, bem como a apreciação de suas produções artísticas, houve espaço para, juntamente com as crianças, produzir brinquedos, promover brincadeiras, rodas de conversa e, principalmente, conhecer e se apropriar das tintas guache e artesanal, matéria prima para registros artísticos reveladores de muita subjetividade e imaginação.

Palavras-chave: Artes Visuais; Pintura; Educação Infantil.

Abstract

This work results from efforts in the construction and development of a methodology that aims to favor the expressiveness of children through Visual Arts, specifically focused on painting. The daily experience in early childhood and elementary schools reinforces what literature, through the theoretical framework, presents: childhood as essential in human formation. In this sense, playing occupies a prominent place. However, in defense of literacy, plus the absence of teacher training that intentionally embraces Art at school, this has not been achieved in many institutions. Considering this reality, the proposal aims to insert, in the context of Early Childhood Education, aesthetic productions in which children live with processes of appreciation, reflection, knowledge, and who are protagonists in them. The work of the Brazilian artist Ivan Cruz was chosen, who, by privileging toys and games in his works of art, using strong colors and common scenarios, involves, enchants and attracts the eyes of the child. In addition to the aspects that call attention in his biography, as well as the appreciation of his artistic productions, there was space, together with the children, to produce toys, to promote games, conversation circles and, above all, to know and appropriate the gouache and handmade, raw material for artistic records that reveal a lot of subjectivity and imagination.

Keywords: Visual Arts; Painting; Child Education.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 – O FAZER/PENSAR ARTE E A PINTURA DE IVAN CRUZ	9
1.1 Apresentação da Arte e suas manifestações	14
2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL	19
2.1 Arte e Pintura numa Escola Pública de Ibirité (MG)	22
3. INTERAÇÕES ENTRE ARTE E INFÂNCIA	27
CONCLUSÃO.....	43
REFERÊNCIAS	45

INTRODUÇÃO

No percurso de aproximadamente dez anos na área da Educação, atuando como professora e coordenadora no Ensino Fundamental, algumas questões em torno da ressignificação da Arte na escola permaneceram. Com a oportunidade de ingressar no curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas e engajada, atualmente, no contexto da Educação Infantil, minhas percepções tornaram-se ainda mais inquietantes.

Presenciei muitas aulas da disciplina Arte com preponderância de atividades para preencher o tempo que restou da aula anterior, muitas vezes reduzido ao momento do colorir. Mesmo sem formação específica, lecionei a disciplina alguns anos, mas, como professora referência da turma, a preocupação voltava-se para a alfabetização. Além disso, ministrar aulas sem conhecimento teórico e sem vivências torna o processo mais dificultoso.

As Artes Visuais contemplam um amplo campo de atuação e, dentre as modalidades para esta pesquisa foi escolhida a Pintura, visto que a mesma pode oferecer metodologias de trabalho envolventes e de expressivo teor na Educação Infantil. Inspirada por essa percepção, considerei pertinente apresentar obras de arte para as crianças, já que a maioria não possui tal vivência/contato.

Foram apresentadas, assim, a biografia e obras do artista plástico Ivan Cruz que retratam a infância por meio de brinquedos e brincadeiras de antigamente. Além desse resgate, suas obras suscitam emoções e se utilizam de tons fortes e variados, oferecendo caminhos para a discussão em sala de aula. Trabalhar com o conhecimento de cores, técnicas a partir da tinta guache, processos de criação de tintas naturais e a expressividade por meio da pintura com crianças de 5 a 6 anos foi o objeto de estudo da pesquisa. Nessa perspectiva, a inserção, no contexto da Educação Infantil, de produções estéticas nas quais as crianças convivam com processos de apreciação, reflexão, conhecimento, e que sejam protagonistas nos mesmos, será contemplada nessa proposta.

O primeiro capítulo apresenta uma breve contextualização do percurso de vida do artista Ivan Cruz e o seu fazer artístico, sendo apresentadas algumas obras e considerações sobre as mesmas. A pintura de Ivan retoma a infância de uma forma

prazerosa, que é o brincar, e, nesse percurso, promove o resgate das brincadeiras de outrora, de valores e engloba outras possibilidades de trabalho na educação infantil. No intuito de pontuar um pouco da trajetória da arte, discorre-se sobre diferentes manifestações e mudanças ao longo dos séculos. Na contemporaneidade, a mesma possibilita experiências estéticas diversas, acessibilidade e aproximação de culturas.

O capítulo dois aponta sobre a intencionalidade educativa que se deve ter na prática pedagógica no campo da Arte, a fim de favorecer o desenvolvimento da criatividade, imaginação e expressividade. Discorre sobre os campos de experiência propostos pela Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a importância do entrelaçamento dos mesmos visando contribuir com a formação integral da criança.

Nesse ensejo pedagógico, é apresentada a Escola onde ocorreu a pesquisa e suas especificidades quanto à disciplina Arte, e há um diálogo no qual Barbieri (2012) e Martins (2006) trazem apontamentos importantes quanto à prática docente e a necessidade de romper com o senso comum e metodologias que não despertam a curiosidade das crianças. Ostetto (2008), pontua sobre a importância do acesso das crianças aos diferentes locais que promovam a Arte, a fim de contribuir com a construção de conhecimento e desenvolvimento estético, o que é reforçado por Loyola (2016) quanto ao professor, ou seja, é fundamental que o mesmo também se aproxime desses espaços para promover, dentre diversas situações, aulas reflexivas e provocativas.

O último capítulo é composto pelas etapas da metodologia da pesquisa. O primeiro momento voltou-se para a apreciação das obras de Ivan Cruz, o brincar com as brincadeiras retratadas nas obras, a construção de brinquedos e rodas de conversa. Na segunda etapa, trabalhou-se com a distinção das cores primárias e secundárias, com proposições de registros livres, por meio da pintura, das brincadeiras retratadas pelo artista e/ou brincadeiras preferidas dos alunos. A tinta guache também foi explorada no trabalho com algumas técnicas de pintura e, por fim, a etapa da criação das tintas naturais, com elementos comuns ao dia a dia das crianças, e expressividade utilizando-se delas.

1 – O FAZER/PENSAR ARTE E A PINTURA DE IVAN CRUZ



Ivan Cruz, *Pipas, corda e puxando latas*.
Acrílico sobre tela, 9,5x10,85 cm
Fonte: <http://artistasdobrasil.com>



Ivan Cruz, *Ciranda*.
Acrílico sobre tela, 9,63x11,01 cm
Fonte: <http://artistasdobrasil.com>



Ivan Cruz, *Barquinho de papel*.
Acrílico sobre tela, 10x10,82 cm
Fonte: <http://artistasdobrasil.com>



Ivan Cruz, *Amarelinha e menina com boneca*.
Acrílico sobre tela, 10,82x10,82 cm
Fonte: <http://artistasdobrasil.com>

As obras criadas pelo artista Ivan Cruz enfatizam o universo infantil de maneira dinâmica, colorida e alegre. “Pipas, corda e puxando latas” traz uma proposta de amplitude e interação desse universo. Ao mesmo tempo em que apresenta o brincar da criança, traz à tona a integralidade do momento ao compor esse contexto infantil com harmonia e situações diversas.

O delineamento de “Ciranda” apresenta, com bastante intensidade, a ideia do movimento e do ritmo infantil presente nas brincadeiras de roda. E o contexto da infância alonga-se nas obras de Ivan Cruz ao representar alguns espaços diferentes que o constitui. Em “Barquinho de papel” há um pequeno riacho onde as crianças interagem; já em “Amarelinha e menina com boneca”, há um local que lembra uma quadra. Os momentos de lazer acontecem pelas ruas e calçadas.

As obras de Ivan Cruz apresentam um cenário bem definido: ruas de terra, casas simples, semelhantes e com telhados triangulares, uso de cores vivas nas construções e nas roupas das crianças, diferenciação de meninos e meninas por meio dos trajes, cabelos e tipos de brincadeira comuns a cada um dos gêneros. A diversão acontece do lado externo de casa; lugar pacato, tranquilo e que favorece o fazer-acontecer, o sabor do brincar... as crianças em suas brincadeiras promovem a interatividade do ambiente, não tendo assim, elementos adicionais, como carros, animais e outras pessoas.

Ivan Cruz é um artista plástico contemporâneo. Nasceu em 1947 no Rio de Janeiro e se divertia pelas ruas de seu bairro quando criança. Em 1986, abandona a sua atuação em advocacia para se dedicar, integralmente, à produção artística. Em 1990, o artista pintou as suas primeiras obras com temas de suas brincadeiras de infância.

De 1990 até hoje, Ivan Cruz pintou cerca de 600 quadros, retratando mais de 100 brincadeiras distintas, e chamou essa série de “Brincadeiras de Criança”, que cresceu de tal forma sua expressão e repercussão que se transformou em um projeto, pois passou a reunir em suas exposições não só os quadros, mas os brinquedos retratados, oficinas de brincadeiras e confecção de brinquedos, contadores de história, além de uma ambientação com músicas da época, como cantigas de roda... Tudo nascido do sonho, da saudade e da vontade de fazer com que todos voltassem a brincar e as

crianças de hoje aprendam o verdadeiro espírito dessa arte que está sendo deixada de lado hoje em dia.¹

O processo criativo do artista busca um constante reencontro com a infância de outrora e a contemplação daquilo que ele experienciou. Nessa perspectiva, Ivan Cruz apresenta um trabalho rico de significados e sentimentos, um resgate do lúdico e da imaginação.

Nos anos 90 eu pintava uma série absolutamente abstrata. Eu como fico procurando sempre o novo, repentinamente me vi diante de um primeiro quadro que eu denominei “Brincadeiras de Criança”, que eram crianças brincando numa praça e, daí, não parei mais de brincar e brincar com as brincadeiras que eu brinquei através dos meus trabalhos, né? E eu sempre falo o seguinte: eu pinto as brincadeiras que eu brinquei, eu não pinto brincadeiras que eu não haja brincado. E eu tenho razão pra isso. Eu não passaria a emoção que eu passo nos meus quadros, quando eu pinto um pulando carniça. Eu sei todos os movimentos do pular carniça, como é um andar de patinete, qual é o movimento de soltar pipa, do rodar um pião, do aparar um pião. Então nesse momento, eu tenho que passar isso para os quadros. Se eu pintar uma brincadeira que eu não haja brincado, qual a emoção para aquele quadro ou para a escultura? A preocupação com a forma: nenhuma. A minha preocupação é com o movimento.²

O artista não tem a preocupação com a forma, mas emite um cuidado quanto a ideia de movimentação presente na sua criação. Assim, por mais que em suas obras não tenha o contorno de olhos, boca e nariz, o movimento impresso traduz emoções para o apreciador.

Eu aprendi, inclusive, na própria prática do meu trabalho, que você ou a pessoa humana tem a tendência de fechar a forma... você vê a feição...por várias vezes eu tive pessoas que me falaram, “esta criança está sorrindo”... mas ela tá lá vendo esta criança sorrindo. Então o processo de criação se dá assim, numa ambientação, obviamente, daquele lugar... que aqui é o meu ateliê, aqui é o meu espaço, e eu preciso desse espaço com esse espírito de criança também, né? Quando eu começo a racionalizar muita coisa, eu também paro.³

A produção de esculturas é outra modalidade das Artes Visuais desenvolvida pelo artista. Suas brincadeiras estão representadas em esculturas de aproximadamente

1 Disponível em <<https://www.ivancruz.com.br/>>. Acesso em 22 mai. 2019.

2 Disponível em <<https://youtu.be/tz1vUetSeSg>>. Acesso em 12 abr. 2019.

3 Disponível em <<https://youtu.be/tz1vUetSeSg>>. Acesso em 12 abr. 2019.

20 cm, mas também, compõem, em tamanho natural (cerca de 1,20 m), a ambientação da Praça Américo Vespúcio em Cabo Frio/RJ e da Prefeitura de Arraial do Cabo. Ivan Cruz baseia seu trabalho na frase que criou: “A criança que não brinca não é feliz, ao adulto que quando criança não brincou, falta-lhe um pedaço no coração.”⁴

Sua produção artística também se faz em estampas de camiseta, jogos de memória, gravuras. Suas telas medem cerca de 1 metro por 1 metro, e a técnica utilizada é tinta acrílica sobre tela. Estas apresentam cores fortes e variadas, o que atrai e favorece o envolvimento do observador no resgate de sua própria infância.

A criação artística de Ivan Cruz inspira diversas propostas pedagógicas na educação, principalmente no segmento infantil. Sabe-se que nessa fase, o brincar, o expressar e o explorar, são alguns dos pilares fundamentais para o desenvolvimento das crianças e devem ser constantes no cotidiano das escolas infantis. Como apontado na caracterização de suas obras, a riqueza evidenciada nas mesmas contribui com vários caminhos a serem trabalhados nas escolas infantis. Assim, projetos escolares se ampliam e enriquecem com o resgate do brincar, do conviver, do apreciar, do expressar, do Ser...

Para além da riqueza estética, o trabalho com suas obras possibilita o entrelaçamento com outras circunstâncias importantes na/para a infância. O ciclo vicioso no qual boa parte das crianças está inserida quanto ao acesso e uso dos objetos eletrônicos, como os celulares, compromete o desenvolvimento sadio das mesmas. Portanto, a proposta de Ivan Cruz pode ressignificar a infância por meio de trabalhos que favoreçam o desenvolvimento motor, a sociabilidade, a aprendizagem do “ganhar e perder”, o respeito com o próximo, o brincar “de verdade”.

Nessa perspectiva, a criação de Ivan Cruz possibilita situações distintas de aprendizagem que devem ser consideradas no contexto da educação infantil. A criança é um ser único e necessita vivenciar processos diferentes a fim de potencializar o seu desenvolvimento integral. Conforme as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2010), as interações e brincadeiras são eixos que devem nortear e favorecer a organização da proposta curricular.

⁴ Disponível em <<https://www.ivanacruz.com.br/>>. Acesso em 22 mai. 2019.

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (DCNEI, 2010, p.12)

As obras de Ivan Cruz percorrem o Brasil e a sua produção está estampada nos muros de algumas escolas em forma de releitura do seu trabalho, e, também, como proposta criativa que, juntamente com o artista, envolve alunos e professores. Nessa perspectiva, é comum o artista produzir o contorno das brincadeiras de forma panorâmica nos muros da escola e os alunos e professores pintarem tal produção simultaneamente.

A proposta artística de Ivan Cruz apresenta uma releitura da infância que evidencia a nossa subjetividade, nos envolvendo e propiciando uma fuga repentina da vida adulta. E nesse movimento reencontramos e resgatamos os momentos gostosos do brincar de antigamente e o contexto que acolhia as nossas vivências.

1.1 Apresentação da Arte e suas manifestações

(...) a arte escapa às definições. Seu domínio, movente e fugidio, estende-se além da razão, além das determinações racionais e lógicas. E, por isso mesmo, a questão – o que é a arte? – foi substituída por outra – como nos aproximarmos dela? (COLI, 1995, p. 125)

A Arte pode ser concebida como meio de expressividade e intencionalidade presente em todas as culturas. Ela se apresenta em várias perspectivas, seja por meio de diferentes materiais, técnicas, em situações concretas ou momentâneas. Assim, se configura por meio do corpo, da voz, do uso de tecnologias, dos monumentos, dos objetos, da pintura entre outras propostas que compõem a amplitude artística.

O período pré-histórico é considerado como originário da Arte, momento no qual as produções humanas eram marcadas por gravuras rupestres, estatuetas, pinturas e desenhos, tendo como intuito a comunicação e registro das atividades do homem.

Muitas teorias foram já formuladas a respeito do importante e vital papel que a expressão artística representou nas atividades do homem pré-histórico. Entre todas, é mais aceita a que a considera como subproduto da luta pela existência, uma necessidade psicológica de afirmação do homem, em face da hostilidade e brutalidade do ambiente em que se movia. Altamente figurativa, com atributos de magia e sem quaisquer vínculos com convenções ou tradições, refletia uma atitude bastante individualizada em relação à vida. (SOUZA, 1970, p.45)

A mudança do estilo de vida do ser humano e a implementação de atividades de subsistência mais definidas no território geográfico, período esse que pode ser compreendido como um momento de transição “de uma existência nômade para outra sedentária, o que significou a troca dos azares da caça pela relativa segurança permitida pela nova situação nascida da agricultura e do pastoreio” (SOUZA, 1970, p.45). Ainda conforme Souza, esse momento culminou na primeira revolução estilística da Arte.

Inicia-se nesta época uma produção artística com inclinação para parâmetros geométricos. O naturalismo, relacionado à observação direta e representação do que é visível, começa a dar espaço ao abstracionismo na representação das formas. Essas mudanças não advêm de um amadurecimento propriamente à Arte, mas é um marco circunstancial das condições de vida, que não dependiam apenas do esforço do homem, mas, também, do ciclo da natureza a fim de contribuir, ou não, para as atividades agrícolas e do pastoreio.

Impossibilitados de organizar seus temores e anseios de modo a projetar-se ideologicamente em mitos, foram buscar no abstracionismo a tradução para essa crise mitológica. O geometrismo também se impôs pelo fato de melhor apresentar um esquema que simbolizasse a uniformidade das atitudes sociais e aceitação das convenções, as quais começavam, então, a aparecer numa organização social que iniciava sua integração. (SOUZA, 1970, p.46)

E com a fixação dos tempos e espaços pelo ser humano, como o crescimento populacional e a estratificação da vida social em razão do surgimento de outras atividades humanas, a produção artística serviu a objetivos diferenciados. Conforme

Souza (1970, p.47), a arte passou a ser “produto dos cultos, nos templos e nos palácios, para a qual trabalhavam gerações de artesãos e operários anônimos e em que a expressividade artística individual se estiolava.”

Na Arte clássica da Antiguidade, período compreendido como os últimos séculos antes de Cristo, prevalece uma estética grega perpassada pela representação da realidade, deixando a Arte de “ser o produto de um artesão anônimo; o artista tornou-se dono de uma reputação pessoal e seus trabalhos evidenciam uma individualidade criadora” (SOUZA, 1970, p.48)

E com o transcorrer do tempo, outras mudanças concernentes à Arte foram ocorrendo. Na época do Cristianismo, a mesma passou para o domínio da igreja como outros aspectos também: sociais, políticos, intelectuais e culturais, conforme apontado por SOUZA (1970, p.48). A Arte teve um distanciamento do mundo visível e natural, enfatizando o sobrenatural, situação que se modificará a partir da evolução das formas da igreja, caracterizando assim, mudança dos estilos medievais.

Nesse percurso, de idas e vindas, tiveram outras épocas e estilos que marcaram a história da arte. O Renascimento, período histórico e movimento cultural, intelectual e artístico que surgiu entre os séculos XIV e XVII na Itália, foi um importante momento para a Arte.

A Renascença, muito mais do que uma redescoberta da Natureza ou uma rejeição do autoritarismo religioso da escolástica medieval, é a comunhão da Arte e da Ciência, através das quais os escultores e os pintores procuraram compreender melhor o mundo físico. Segundo Souza, o homem voltou-se a tornar o centro. E vemos, novamente, o homem tornar-se a medida para todas as coisas. (SOUZA, 1970, p.49)

Outro marco relevante foi o Impressionismo, “movimento artístico que revolucionou profundamente a pintura e deu início às grandes tendências da arte do século XX”⁵, período em que a Arte apresentou uma evolução significativa rompendo definitivamente com o passado. A partir daí outros movimentos surgiram, como o

⁵ Disponível em < <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-19/impressionismo/>>. Acesso em 16 dez. 2019.

Cubismo, Expressionismo, Surrealismo entre outros, que indicam “as mudanças sofridas pelo mundo e refletem a imagem do homem em busca de si mesmo, do homem que insiste em criar com liberdade.” (SOUZA, 1970, p.51).

Todo esse furor/despertar artístico, compõe a Arte Moderna, que perdurou do final do século XIX até o século XX. Surgida depois de um momento artístico em que o realismo e o romantismo eram tendência na produção das obras, a arte moderna tinha o intuito de retratar situações comuns do dia a dia das pessoas de formas simples. Nessa perspectiva, Souza (1970, p. 51) aponta que “O artista passa a ver o mundo com olhos novos, procurando a substância das coisas muita mais do que sua aparência exterior e a construir uma realidade subjetiva, a partir de sua própria imaginação.”

Hoje, a era da Arte Contemporânea, é caracterizada por expressões e técnicas que inovaram a produção. Preservando, ainda, algumas características da Arte Moderna, como “o desejo pelas invenções e experimentações artísticas” as obras da contemporaneidade:

(...) articulam uma diversidade de linguagens, desafiando as classificações convencionais, pondo em questão o caráter das representações artísticas e a própria definição de arte. Mais do que contemplar a natureza estética, a Arte Contemporânea busca refletir de modo subjetivo sobre a obra artística.⁶

Composta por um panorama diversificado de estilos e perspectivas, a produção é representada por meio “da pintura, da dança, música, teatro, escultura, literatura, moda, instalações, a obra já não é o objeto em si, pois se funde com o processo criativo”.⁷

Os avanços tecnológicos também caracterizam, com relevância, a contemporaneidade, sendo isso observado na construção de objetos com formatos aerodinâmicos e alusivos ao espaço. As questões de preservação ambiental, é outro aspecto a destacar, pois muitos materiais são reaproveitados nos processos criativos atuais.

6 Disponível em <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/arte-contemporanea>>. Acesso em 16 dez. 2019.

7 Disponível em <<https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/arte-contemporanea>>. Acesso em 16 dez. 2019.

A Arte abrange uma diversidade de experiências estéticas, portanto está acessível aos que se dispõem a vivenciá-la. Presente em diversos espaços, contempla as diferentes classes sociais. É preciso se permitir para ser tocado por ela.

2. CONSIDERAÇÕES SOBRE A ARTE NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO INFANTIL

Na infância, a Arte pode abrir caminhos no desenvolvimento da imaginação e da criatividade. Ela pode despertar sentimentos e emoções, possibilitando situações ricas e variadas de expressividade. Como afirma Barbieri (2012, p.18), “Trabalhar com arte na educação infantil ajuda cada criança a descobrir como é seu mundo de invenções, abrir a porta para novos conhecimentos, e assim aprender a imaginar e fazer.”

Essa mesma autora, relaciona a arte e o brincar como ações fundamentais na organização do trabalho docente com criatividade e invenção.

Há momentos em que parece termos perdido a conexão com o sensível cotidiano, mas é importante que a reatemos e que a apresentemos para as crianças. Ao favorecer o desenvolvimento da sensibilidade e da percepção estéticas, o ensino da arte na educação infantil proporciona às crianças que leiam e interpretem do seu jeito o mundo que as rodeia e, assim, se transformem e o transformem. (BARBIERI, 2012, p. 18).

Em consonância, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) enfatiza que, na educação infantil, o processo de desenvolvimento e aprendizagem têm como norte estruturante as interações e brincadeiras, garantindo, assim, às crianças, os direitos de conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e conhecer-se.

As Artes Visuais, nesse contexto escolar, estão presentes em simples situações que fazem parte do desenvolvimento da criança e dos momentos de conhecimento e exploração do mundo ao seu redor. Comumente, as crianças rabiscam, desenharam em diferentes lugares, pintam objetos, a fim de comunicar algo e/ou se expressar.

As Artes Visuais são linguagens e, portanto, uma das formas importantes de expressão e comunicação humanas, o que, por si só, justifica sua presença no contexto da educação, de um modo geral, e na educação infantil, particularmente. (RCNEI, v.3, p. 85).

A escola representa um espaço dedicado à sistematização dessas vivências inerentes ao ser humano. Nessa perspectiva, deve apresentar experiências

educativas no campo da Arte que propiciem o trabalho com diversas habilidades, buscando potencializar o desenvolvimento integral da criança.

A BNCC propõe o trabalho em cinco campos de experiência, sendo definidos, por meio deles, os objetivos de aprendizagem e desenvolvimento. No campo “Traços, sons, cores e formas”, compete à educação infantil:

(...) promover a participação das crianças em tempos e espaços para a produção, manifestação e apreciação artística, de modo a favorecer o desenvolvimento da sensibilidade, da criatividade e da expressão pessoal das crianças, permitindo que se apropriem e reconfigurem, permanentemente, a cultura e potencializem suas singularidades, ao ampliar repertórios e interpretar suas experiências e vivências artísticas. (BNCC, 2018, p.41)

Os campos de experiências, a saber – “O eu o outro e o nós”; “Corpo, gestos e movimentos”; “Traços, sons, cores e formas”; “Escuta, fala, pensamento e imaginação” e “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações” – todos eles “constituem um arranjo curricular que acolhe as situações e as experiências concretas da vida cotidiana das crianças e seus saberes, entrelaçando-os aos conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural.” (BNCC, 2018, p.40).

Pontuando sobre os mesmos, pode-se compreender que “O eu, o outro e o nós” traz um destaque sobre a interação com os pares, por meio da qual a criança inicia um conhecimento sobre as diferentes pessoas, modos de vida, costumes, diferentes pontos de vista. Situação fundamental para a construção da autonomia, do senso de autocuidado, da valorização do outro e da interdependência com o meio.

“Corpo, gestos e movimentos” aponta sobre a importância da corporeidade no conhecimento e exploração do mundo ao redor pelas crianças. Através de diferentes linguagens, dentre elas, a música, a dança, o teatro e brincadeiras de faz de conta, as mesmas se comunicam e se exprimem na relação entre os corpos envolvidos e seu próprio corpo, emoções e linguagem. Através do autorreconhecimento e das relações com o outro as crianças percebem suas próprias capacidades e limites.

Em “Traços, sons, cores e formas”, discorre-se sobre a importância das vivências, na instituição escolar, das diferentes manifestações da arte. A experiência com diversas propostas das artes visuais – pintura, modelagem, colagem, fotografia – além da música, do teatro e da dança entre outras, além de estimular a própria

criação artística, favorece o desenvolvimento do senso crítico e estético, o conhecimento de si e dos outros, e do mundo que os cerca.

“Escuta, fala, pensamento e imaginação” ressalta as formas de comunicação que são ampliadas com o passar do tempo na infância, ressaltando a importância da participação da criança na cultura oral.

Na Educação Infantil, é importante promover experiências nas quais as crianças possam falar e ouvir, potencializando sua participação na cultura oral, pois é na escuta de histórias, na participação em conversas, nas descrições, nas narrativas elaboradas individualmente ou em grupo e nas implicações com as múltiplas linguagens que a criança se constitui ativamente como sujeito singular e pertencente a um grupo social. (BNCC, 2012, p. 42).

Por fim, em “Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações”, destaca-se a necessidade que as crianças têm em conhecer e explorar o mundo físico: experimentar diversos espaços, entender sobre as variações do tempo (dia, noite, hoje, amanhã, etc), compreender os fenômenos atmosféricos, dentre outros, são algumas das curiosidades que as mesmas apresentam. Na busca por conhecer e explorar mais o mundo, há, também, as questões matemáticas que estimulam o desejo de saber mais.

Portanto, a Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. (BNCC, 2018, p. 41).

É necessário compreender que o processo de aprendizagem nos diferentes campos de experiência da educação infantil não acontece isoladamente. O conhecimento de si, do outro e do mundo, a curiosidade, o despertar e incentivo à expressividade, a importância do corpo na exploração do mundo físico, o sentimento de pertencer ao grupo, representam direcionamentos que dialogam entre si.

A criança, ao ser inserida no contexto escolar, já traz consigo um repertório de experiências, sejam estas as imagens que observou, os cheiros que já sentiu, as cores que experimentou, os objetos manipulados entre tantas outras situações que cercam o dia a dia de cada uma.

Ao longo do percurso, imaginação e criatividade, dimensões intrínsecas à criança e importantes ao campo artístico, fundem-se no viés pedagógico. Cabe ao professor, refletir sobre as vivências de cada uma, organizar e oportunizar novas experiências estéticas que ampliem as percepções de mundo. E, também, através do estímulo e oportunidade para as mesmas se manifestarem, as crianças vão se apropriando de múltiplas linguagens, ampliando, assim, suas formas de expressão.

O professor, portanto, tem um papel de grande importância, desde que se permita perceber e reconhecer a diversidade de vivências na expressão singular de cada criança, como, também, dar espaço para que tais experiências subjetivas venham à tona. Concorda-se com Barbieri (2012, p.27), quando essa autora afirma que “a abertura com que olhamos para aquilo que a criança faz é o que cria o território de pertencimento.”

Assim, a abertura, pelo professor, para que esses momentos aconteçam de forma leve e prazerosa, como também, uma leitura reflexiva que favoreça a intencionalidade educativa e a ressignificação em sua prática são fundamentais.

2.1 Arte e Pintura numa Escola Pública de Ibitaré (MG)

O ensino de Arte, nesse espaço formal específico de educação infantil, acontece em 3 (três) horários semanais com duração de 50 (cinquenta) minutos cada. Em função da rotina diferenciada – momentos de roda coletiva, café da manhã e higienização bucal, atividades determinadas e com horários estabelecidos –, nem sempre o tempo é todo destinado à “aula”.

Para lecionar tal disciplina, não há exigência que o professor tenha uma formação em Arte, apenas formação em Magistério ou Normal Superior. Somente em 2019, entre tantas mudanças que ocorrem na organização do quadro docente no município de Ibitaré nos últimos anos, as aulas de Arte e Movimento passaram a ser ministradas por professores específicos, o que foi considerado positivo, pois, até então, todas as aulas eram dadas por um único professor, nomeado como “professor referência ou regente” das turmas.

A alta rotatividade no grupo docente dentro dessa escola, sendo poucos efetivos e quantidade considerável em regime de contrato, dificulta o trabalho em equipe e até mesmo um posicionamento crítico do professor perante situações conflituosas, por receio de perder sua vaga. Certamente que a permanência desse quadro atende à interesses financeiros e administrativos não coerentes com a busca pela qualidade na educação.

Promover um ensino de qualidade exige investimentos públicos e pessoais, sobretudo na formação docente e participação da família, incluindo o próprio estudante, em constante interação. Tal afirmação, comum até em discursos políticos, parece ainda distante de se efetivar. No dia a dia, o que observamos são práticas de distanciamento na área das Artes, principalmente porque propõem atividades que reduzem e banalizam o potencial comunicativo e expressivo das crianças. Muitas vezes, tais atividades são compreendidas como passatempos ou servem para atender a outros objetivos. Assim, propostas sem intencionalidade artística, tais como colorir folhas xerocadas; brincar com massinha no tempo ocioso; confecção de cartões e lembranças em datas comemorativas; atividades em folha de papel para estimular o desenvolvimento da coordenação motora – contorno de letras, números e traços; atividades para colorir formas geométricas com cores primárias e secundárias, dentre outras – são algumas das situações presenciadas e que compõem o planejamento docente em Arte. Barbieri (2012), aponta a situação, com posicionamento incisivo:

Em ambas – educação e arte – pode haver muita vitalidade. Mas, ao escolarizar mecanicamente a arte, criamos núcleos de desvitalização, que vão contaminando os lugares com rigidez e aridez. Quando enrijecemos a educação, a alegria não entra mais na escola, não ouvimos as crianças e acabamos perdendo a vitalidade que elas têm – o olhar curioso, a imaginação fértil, que desembocam em pensamento criativo. (BARBIERI, 2012, p.20)

Ressaltando a pintura no contexto dessa escola, o trabalho, quando desenvolvido, utiliza a tinta guache que é um material acessível. A proposta do pintar, geralmente, não tem relação com a exploração de cores, texturas, misturas e técnicas. Limita-se, geralmente, à pintura de desenhos, também xerocados, para complementar; é ainda comum a pintura de mãos e pés das crianças para confecção de murais. Tintas de pintura facial também são comuns de serem usadas para fantasiar as crianças em

datas comemorativas, como, Páscoa, Dia do Índio, o que acaba por reforçar estereótipos. Poucos professores “arriscam” uma metodologia diferenciada no uso de tintas e outros materiais com frequência considerável.

Nessa instituição, há espaço delimitado para afixar murais. Na maioria das vezes, o mesmo é utilizado para decoração e com uso de desenhos construídos por adultos. Barbieri (2012, p.56) denuncia que “esses desenhos feitos nas paredes das escolas não contribuem em nada. Muitas vezes, são desenhos muito simplificados, com traços pobres e que pretendem “enfeitar” a escola”. Faz-se necessário, portanto, refletir e permitir que as experiências estéticas criadas pelas crianças sejam utilizadas para ambientar o espaço escolar.

Aponta-se a permanência e a frequência de propostas didáticas semelhantes às já destacadas, esclarecendo-se que situações assim já foram observadas em outros locais onde trabalhei e que atendiam a diferentes faixas etárias. Nessas idas e vindas, às vezes, penso se há sentido e quais significados que tais propostas têm para os alunos. É importante ressaltar, contudo, que já presenciei professores engajados e na busca de vivências significativas para os estudantes.

A cultura do colorir desenhos prontos em folhas mimeografadas é presente em vários locais e, acredito, algo difícil de ser rompido. Há vários fatores que contribuem para essa permanência, reforçando, como já apontado, a precária formação docente:

(...) ainda é corrente a prática de entregar às crianças desenhos para colorir. Essa questão do desenho mimeografado, muitas vezes, está relacionada ao não saber o que fazer. Existe uma falha em nossa formação como educadores na área de arte, uma falha real. Muitos de nós tiveram pouca aula de arte, com qualidade baixa, que não nos ensinavam as questões do mundo. Aulas que não nos faziam descobrir como as perguntas e questões humanas e intuitivas se revelam por meio da arte. (BARBIERI, 2012, p.149).

Essa mesma autora aponta o outro lado, que é o da acomodação docente ao não se interessar por aulas provocativas e prazerosas, pois, “dessa forma, o professor também não precisa sair do seu lugar de conforto para procurar estudar, entender, ir mais fundo”. (BARBIERI, 2012, p.149).

Ainda sobre o processo de formação docente, Loyola (2016, p.2) afirma que “quanto maior o envolvimento estético do professor com a arte, maiores serão as oportunidades de pensar e propor experiências que estimulem nos alunos suas habilidades de criação e senso crítico”. Ou seja, é fundamental a prática de frequentar locais que promovam a arte, como também, ser capaz de provocar estímulos em seus alunos.

A ausência de formação específica na área da Arte corrobora, significativamente, na dificuldade em direcionar/sistematizar o trabalho na escola. Num contexto em que a preocupação maior é preparar as crianças para a alfabetização e, no extremo, almeja-se concluir tal processo, a força da escrita excede a fruição artística, ficando a arte em segundo plano. Nesse âmbito, a questão formativa e certo comodismo, são entraves.

Martins (2006), pontua sobre o senso comum que é perpetuado em muitas práticas docentes devido a algumas situações. Conforme essa autora,

O senso comum tem invadido a sala de aula e nos tomados em suas garras. Muitas vezes, mergulhados no ritmo frenético de aulas de 45 minutos, de uma jornada de trabalho sem descanso, sem alimentos teóricos, sem espaço de troca entre parceiros, nos vemos vagando, com menor ou maior cuidado, entre conceitos, fazeres e aprendizagens. (MARTINS, 2006, p.229)

Entre alguns apontamentos, outra dificuldade refere-se ao currículo enrijecido, que não permite flexibilidade. Há um número de aulas já estabelecidos para cada disciplina, sendo as aulas de arte e as outras, alternadas ao longo da semana. Assim, no mesmo dia, as crianças têm, em média, aulas de 3 a 4 disciplinas o que nem sempre contribui para a finalização das atividades propostas. O diário da turma requer um preenchimento rigoroso dos conteúdos ministrados em cada disciplina. Tais situações dificultam o planejamento docente e a proposição de atividades que demandam continuidade e um tempo maior. Assim, nem sempre o horário de aula de Arte é suficiente para desenvolver e concluir uma proposta.

O espaço físico escolar é outra problemática, pois não colabora para determinadas situações. A aula de Arte é desenvolvida dentro da sala comum mesmo, o que dependendo da atividade, dificulta a disposição de mobiliário, a liberdade de uso – preocupação com o “sujar” – e falta lugar para deixar o trabalho das crianças, seja

para secar ou guardar. Esse compartilhar do mesmo ambiente que será usado, na sequência, para demais atividades, é outro desafio para o professor que leciona Arte nessa escola.

O pouco acesso à locais que favoreçam o contato com a arte permeia a cultura da comunidade, o que é agravado pela falta de investimento do município que não oportuniza às escolas trabalhos extraescolares, como visitas a museus, cinemas, exposições entre outros.

Crianças são percebidas como sujeitos ativos em seus processos de criação, autoria, construção de conhecimento. A ampliação de seu repertório faz parte dessa construção: favorecer acesso a cinema, teatro, literatura, exposições, valorizando suas competências culturais mais amplas. A criança passa a ter condições mais favoráveis de expressar-se autoral e criativamente quanto mais material bruto para reelaboração ela possuir, isto é, amplia-se seu acervo colhido/construído por meio de suas experiências. (OSTETTO, 2008, p. 34)

Com a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que entra em vigor em 2020, o Projeto Político Pedagógico (PPP) necessitou ser revisado. Dentre algumas mudanças, ganha destaque a implementação dos campos de experiência em substituição às disciplinas. A proposta discutida na escola é maior integração das áreas de conhecimento, propondo experiências e mediações educativas que favoreçam a formação plena da criança.

3. INTERAÇÕES ENTRE ARTE E INFÂNCIA

Todas as telas nascem em branco. A decisão de colorir é toda sua.

Romero Britto

Já se sabe sobre o potencial da arte para a educação infantil, conforme discorrido no capítulo 2. Com o intuito de delimitar e direcionar o trabalho, dentre as modalidades das Artes Visuais foi eleita a Pintura.

Na perspectiva de desenvolver uma metodologia lúdica, prazerosa e que contribuísse com o conhecimento estético das crianças, pensou-se em algumas obras do artista Ivan Cruz, e o momento do brincar como viés inicial. Este artista plástico traz a linguagem da infância com veemência e representatividade que me encanta. Nelas, o brincar ocupa lugar merecido, pois, além de compor o cenário das obras do artista em questão, ele é outro pilar fundamental para o desenvolvimento da identidade, da autonomia e da imaginação. A brincadeira favorece o fluir das emoções e da fantasia ampliando o conhecimento na relação entre as pessoas, entre o eu e o outro. Oportuniza, também, os laços de socialização, “por meio da interação e da utilização e experimentação de regras e papéis sociais.” (RCNEI, vol.2, p. 22).

A proposta metodológica que perpassa pelas obras de Ivan Cruz e trilha pela pintura por meio de tintas guache e artesanal, foi desenvolvida em uma turma do 2º período do turno da manhã, do Centro de Educação Infantil do Bairro Serra Dourada, localizado no município de Ibirité / MG. As crianças têm entre 5 e 6 anos. A turma é composta por 21 alunos, sendo 11 meninas e 10 meninos.

1ª Etapa

Iniciou-se o trabalho com uma roda de conversa sobre a vida do artista Ivan Cruz. Prosseguiu-se com a apresentação do vídeo “Obras de Ivan Cruz”⁸ que contém fotografias de suas obras. As mesmas foram mostradas de forma pausada, a fim de

⁸ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=CUU4ad3sM_I>. Acesso em 05 fev. 2020

que que as crianças pudessem observá-las por mais tempo. O momento foi oportuno para conversar sobre a composição das obras, as brincadeiras retratadas nas mesmas, a interação de meninos e meninas, as cores utilizadas nas pinturas, os locais em que as brincadeiras acontecem. No intuito das crianças se familiarizarem mais com o artista e sua pintura, foi exibido o vídeo “Ivan Cruz pintando muro de escola em Santos”⁹.

Na sequência, retornou-se com a roda de conversa sobre as brincadeiras apresentadas nos vídeos/obras e abriu-se espaço para que as crianças falassem do que gostam de brincar; em que espaços brincam; com quem elas brincam; de quais brincadeiras apresentadas nas obras que gostariam de brincar; o que aprenderam sobre a vida do artista.

A conversa sobre a infância de “ontem” e de “hoje”, destacou a importância de valorizar e resgatar as brincadeiras de antigamente, para que elas não sejam esquecidas, como também, outros aspectos benéficos que as mesmas apresentam, dentre eles, o bem estar físico e emocional, a interação com os outros, o estímulo à imaginação, o brincar em nossa casa e em outros espaços da comunidade, a simplicidade, inclusive no tipo de materiais usados para confeccionar os brinquedos e a facilidade de serem construídos.

Para as crianças, mostrou-se um momento prazeroso, no qual elas puderam falar sobre si. Importante destacar que foi enriquecedor essa apreciação das obras, mesmo que por meio do *data show*, pois este público especificamente não conhece e não possui o hábito de frequentar locais que exponham obras de arte. Para elas, foi marcante a informação de que Ivan Cruz pintou aquilo que ele brincou na infância.

O trabalho prosseguiu com o desenvolvimento de algumas brincadeiras presentes nas obras de Ivan Cruz, tais como: bolinha de gude, amarelinha, brincadeiras de roda, cabra cega, pulando carniça, pião, bambolê, entre outras.

Em relação às brincadeiras pé de lata, bolinha de sabão, pião, aviãozinho e barquinho de papel, por exemplo, foram confeccionados os respectivos brinquedos, juntamente com as crianças, para que elas brincassem. Também, foi vivenciado o

⁹ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dAK_3l8B6fY>. Acesso em 05. Fev. 2020.

brincar com patinete e carrinho de rolimã. A fim de reforçar a importância do brincar no dia a dia da criança, a BNCC (2018) destaca:

A interação durante o brincar caracteriza o cotidiano da infância, trazendo consigo muitas aprendizagens e potenciais para o desenvolvimento integral das crianças. Ao observar as interações e a brincadeira entre as crianças e delas com os adultos, é possível identificar, por exemplo, a expressão dos afetos, a mediação das frustrações, a resolução de conflitos e a regulação das emoções. (BNCC, 2018, p.37).



Figura 1 – Pé de lata e telefone sem fio, 2019



Figura 2 – Barquinho e avião de papel, 2019



Figura 3 – *Brinquedos variados*, 2019

Esse momento do brincar foi propenso à continuidade da proposta com mais significado. Experimentar o que o artista brincou e o que ele transmitiu para as telas mostrou-se fundamental para dar mais sentido à percepção da criança.

2ª Etapa

Nessa etapa, o foco direcionou-se para a tinta. Foram apresentadas as cores primárias (ciano, magenta e amarelo) por meio de tintas guache, materiais disponíveis na escola. Logo após, foi explicado sobre a formação das cores secundárias e entregues potes de plástico com as tintas primárias, colheres e pincéis para que as crianças misturassem, conforme orientação.

A descoberta de cores secundárias por meio da mistura de tintas foi uma experiência interessante e muito proveitosa para as crianças.



Figura 4 – Cores primárias e secundárias, 2019

Foi retomada a discussão sobre Ivan Cruz e pedido que, por meio da pintura, utilizando-se das tintas primárias e secundárias, expressassem aquilo que gostou ou gosta de brincar a partir do conhecimento das obras do artista e da vivência das brincadeiras na escola ou outras do dia a dia. Como suporte para registro das brincadeiras foi usado papel A3.



Figura 5 – Pintura e representação das brincadeira(s) preferida(s), 2019



Figura 6 – Trabalho de representação infantil da(s) brincadeira(s) preferida(s), 2019

Pillar (1999, p.12) argumenta sobre a importância da leitura e releitura de obras com intencionalidade, pois ao ler, “estamos entrelaçando informações do objeto, suas características formais, cromáticas, topológicas; e informações do leitor, seu conhecimento acerca do objeto, suas inferências, sua imaginação”. Nessa perspectiva, a leitura está além do que os nossos olhos permitem ver.

A releitura é uma prática mais comum na escola por meio de registros em forma de desenhos que representam o que foi entendido pela criança ou a parte que mais gostou sobre alguma história que foi lida. Em “A educação do olhar no ensino das artes”, de Analice Dutra Pillar, questiona-se sobre aspectos da leitura e releitura na pintura.

No ensino da arte, a leitura tem sido concebida como algo mais teórico e a releitura, um fazer a partir de uma obra. Rer ler é ler novamente, é reinterpretar, é criar novos significados. Quando interpretamos, através da pintura, um objeto do meio ambiente natural ou construído, um objeto do nosso cotidiano, feito pelo homem, estamos fazendo uma releitura? E quando interpretamos, em pintura, uma obra de arte, uma imagem produzida por um artista é releitura? Depende dos nossos propósitos. Se a ideia é recriar o objeto, é reconstruí-lo num outro contexto com novo sentido, penso que sim. (PILLAR, 1999, p.18)

A conclusão da autora perpassa o processo vivenciado pelas crianças da Escola. A partir do conhecimento, apreciação e realização de atividades que focaram a temática de Ivan Cruz, as crianças inseriram em seu contexto aquilo que gostam de brincar, atribuindo um novo significado às suas brincadeiras e relacionando com o que foi aprendido e apreciado por meio das obras e vida do artista.

3ª Etapa

No intuito de expandir a proposta da pintura, como favorecer o uso de materiais diferenciados para utilização da tinta, foram trabalhadas algumas técnicas pertinentes à educação infantil. Para o trabalho dessa etapa, foi usada a tinta guache.

A organização da sala contribuiu com o desenvolvimento de alguns processos concomitantes. Para isso, as carteiras foram distribuídas em 5 grupos, sendo desenvolvido uma técnica em cada. Dentre as técnicas trabalhadas – pintura

impressa, pintura no papel amassado, barbante com tinta, pintura escorrida e pintura esponjada – algumas situações destacaram-se, tornando evidente o prazer em fazer e criar a própria arte.

Na pintura impressa (monotipia), o espalhar da tinta na fórmica e a obra que ficou impressa na folha, causava grande surpresa e satisfação. Foram utilizadas, como suporte, duas placas de fórmica e papel A3. O objetivo dessa atividade é a criança espalhar algumas cores de tinta na fórmica, vir com o papel A3, dar uma leve compressão e retirar a folha. Na pintura esponjada o efeito da esponja no suporte e o uso de cores vivas também favoreceram muito o envolvimento.



Figura 7 –Pintura impressa (1ª etapa), 2019



Figura 8 – Pintura impressa (2ª etapa), 2019



Figura 9 – Criação com pintura esponjada, 2019



Figura 10 – Pintura esponjada, 2019

Para a pintura com barbante, deve-se molhá-lo na tinta, colocar no suporte – no caso dessa metodologia foi utilizado o papel branco –, aguardar um pouco e retirá-lo. Mas as crianças também testaram rolar o barbante sobre o papel, sendo no início desafiador para algumas, pois apresentaram pouca habilidade quanto ao ritmo de rolar o barbante sobre a folha e fazer impressões diferentes.



Figura 11 – Pintura com barbante, 2019

Já a técnica do papel amassado consiste na criança amassar a folha de papel, desamassar e depois pintá-la. Já a escorrída, usam-se seringas para colocar a tinta e apertar sobre a folha. O objetivo é proporcionar efeitos diferentes a partir da intensidade com que se aperta o êmbolo da seringa.



Figura 12 – Pintura com papel amassado, 2019



Figura 13 – Pintura espirrada, 2019

4ª Etapa

Na quarta etapa, promoveu-se uma ampliação do olhar para o uso da tinta no contexto escolar. Foi discutida com as crianças a função de produtos naturais usados no nosso dia a dia para além da alimentação e em outras necessidades humanas. Nesse intuito, foram trazidos para a sala de aula: pó de café, urucum, canela em pó, carvão, terra, couve e beterraba.

Iniciou-se com uma roda de conversa para apresentação dos produtos. Assim, falamos sobre a origem, utilidade e sua importância para o homem. Também foram destacadas diferenças nos aspectos dos mesmos, sendo a canela, o café e o urucum apresentados em forma de pó, moído; a terra, em seu aspecto natural; o carvão em forma de pedra e a couve e beterraba, em seu estado natural. Importante destacar que as crianças se envolveram com prazer na discussão e demonstravam grande curiosidade para entender mais dos produtos.

Quando foi citada sobre a produção de tintas com tais produtos, criou-se grande expectativa nos alunos. Nesse momento, foram apresentados os demais materiais a serem utilizados para tal processo: cola e a água e, outros, como copos, colheres e potinhos descartáveis para mistura das tintas, potes de sorvete com água, panos, pincéis a serem usados no ato da pintura.

Para melhor entendimento pelas crianças, ainda em roda, foram dados alguns direcionamentos para o momento de pintar, como usar água dos potes para limpar o pincel ao trocar de tinta e secar com pano, dentre outras orientações simples, mas importantes ao se trabalhar a tinta com a faixa etária em questão. Iniciou-se, também, o processo de produção, sendo que, as tintas de couve e beterraba foram preparadas depois.

No início foi feita uma amostragem e explicado que a quantidade de cola a ser usada equivalia ao de água. Já com o pigmento natural ficaria a critério do tom que quisessem. Mesmo em roda, as crianças foram organizadas em pequenos grupos a fim de facilitar o trabalho e que, em cada momento, vivenciassem a mistura dos componentes. Ficaram eufóricas com as misturas e começaram a falar repetidamente, “eu não fiz de canela...”, “eu quero fazer essa...”. Quando se falou sobre o odor que alguns pigmentos apresentam, ficaram entusiasmadas em sentir o aroma da tinta de café e de canela. A tinta de urucum chamou-lhes atenção pelo tom alaranjado que formou. Logo em seguida, foi proposta a pintura para as crianças sendo usado como suporte o papel A3.



Figura 14 – Pintura com tintas naturais, 2019

Em outro momento, houve a produção das tintas com couve e beterraba. Estas, foram feitas diretamente no liquidificador. Causou certo estranhamento o eletrodoméstico na sala de aula. Foi escolhida a sala na qual tem pia e bancada a fim de favorecer a dinâmica do trabalho. As crianças contribuíram rasgando as folhas de couve e colocando os componentes no liquidificador. Ficaram empolgadas com os tons, a princípio, mais claros, e foram colocando mais couve e beterraba, buscando encontrar um tom que mais agradasse. As tintas de beterraba e urucum tiveram muita repercussão, pois, das produções de tintas naturais, foram os tons “vermelhos” da experiência. Houve, então, uma nova proposta para pintarem com as novas tintas e com as outras feitas anteriormente.



Figura 15 – Processo criativo com tintas naturais e artesanais, 2019



Figura 16 – Outras criações com tintas naturais e artesanais, 2019

O contato com materiais diferenciados para a criação artística contribui satisfatoriamente para a produção da criança. Conforme os RCNEI (1998):

Para que as crianças possam criar suas produções, é preciso que o professor ofereça oportunidades diversas para que elas se familiarizem com alguns procedimentos ligados aos materiais utilizados, aos diversos tipos de suporte e para que possam refletir sobre os resultados obtidos. (RCNEI, 1998, p.100).

Quanto ao uso dos suportes nas atividades de pintura, ainda os RCNEI (1998), apontam que:

(...) é aconselhável que o professor esteja atento para oferecer suportes variados e de diferentes tamanhos para serem utilizados individualmente ou em pequenos grupos, como panos, papéis ou madeiras, que permitam a liberdade do gesto solto, do movimento amplo e que favoreçam um trabalho de exploração da dimensão espacial, tão necessária às crianças desta faixa etária. (RCNEI, v.3, 1998, p.98).

A proposta metodológica passou por etapas em que se evidenciou um processo de valorização do contexto infantil e do fazer artístico. Explorando alguns trabalhos de Ivan Cruz, foram favorecidos o conhecimento e a apreciação de suas obras, como também uma discussão mais ampla e rica ao apresentar um paralelo sobre as brincadeiras do presente e do passado. Com atividades de releitura de obras desse artista e de brincadeiras prediletas das crianças, por meio da pintura, utilizando-se diferentes técnicas com tinta guache, trilhou-se algumas possibilidades da pintura na Escola, culminando com a proposta da criação das tintas naturais e a expressividade artística individual por meio das mesmas. Nesse percurso, o brincar se destacou nos registros das crianças, mesmo nos momentos em que era proposta atividade livre, com o uso de tintas industrializadas e naturais.

CONCLUSÃO

Por meio desse trabalho, evidenciou-se a busca por novas experiências no campo da Arte para crianças da educação infantil. Ao longo do Curso de Especialização em Ensino de Artes Visuais e Tecnologias Contemporâneas – CEEAV, foram marcantes as propostas de atividades nas quais retomávamos as nossas vivências da infância, ressignificando-as. E no reviver de tais momentos, percebi a importância dos mesmos na trajetória que percorri. Para além disso, o espaço da apreciação e do fazer artístico também foram instigantes.

Na perspectiva de oportunizar aulas significativas e uma participação ativa da criança no processo, a escolha de apresentar, primeiramente, o artista plástico Ivan Cruz suscitou um interesse pelo mesmo e pelo seu trabalho. Quando perguntava algo sobre o artista, as crianças estavam atentas nas respostas. Identifiquei um envolvimento apreciativo e desenvolvimento discursivo por elas com grande êxito. Pontuo que a linguagem temática que o artista apresenta, isto é, brincadeiras de criança, favoreceu satisfatoriamente o percurso, pois permitiu que retratássemos a infância de hoje, da criança ali presente... como também de antigamente, graças, em boa parte, à bagagem de conhecimento construída pela criança em suas relações familiares.

No caminhar da metodologia, observei a importância de explicar sobre as possibilidades de mistura com a tinta guache. Por serem as crianças ainda pequenas, abordei as cores primárias e secundárias, o que foi uma experiência nova para as mesmas pois, apesar de usarem a tinta em outros momentos, não haviam vivenciado a criação de novos tons.

E, ampliando o trabalho para a pintura, percebi que a proposta de releitura a partir da pintura livre e inserção de técnicas contribuíram não só para o fluir das emoções e o enriquecimento da criatividade, como também, para familiarizar-se com o uso dos instrumentos, como os pincéis, com a percepção e disposição espacial da pintura nos diferentes suportes.

As tintas artesanais, para além da curiosidade sobre a sua criação e dos efeitos na pintura, propiciaram uma rica discussão, a priori, sobre a composição/transformação da matéria prima a ser trabalhada, sua presença no meio ambiente e a utilidade no

nosso dia a dia. A maioria das crianças queria falar algo e houve muitos questionamentos/dúvidas. Percebi que para sanar tantas perguntas, é/era preciso estar atento sobre as especificidades dos elementos.

Ressalto que, entre tantos momentos de criação e subjetividades, foram notórios, também, a alegria e o prazer em desenvolver o que foi proposto. Como apontado no 3º volume do Referencial Curricular para a Educação Infantil (p.91), sobre o processo de aprendizagem em Artes Visuais, “a criança traça um percurso de criação e construção individual que envolve escolhas, experiências pessoais, aprendizagens, relação com a natureza, motivação interna e/ou externa.” Assim, objetivou-se uma ação educativa com intencionalidade e que possa favorecer, paulatinamente, outras metodologias que agucem o interesse das crianças na educação infantil.

REFERÊNCIAS

- BARBIERI, Stela. *Interações: onde está a arte na infância?*. Josca Ailine Baroukh (coordenadora); Maria Cristina Carapeto Lavrador Alves (organizadora). São Paulo: Blucher, 2012. – (Coleção InterAções).
- BRASIL. Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Educação é a base. Brasília, MEC/CONSED/UNDIME, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em 20 dez. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Básica. Diretrizes curriculares nacionais para a educação infantil / Secretaria de Educação Básica. – Brasília : MEC, SEB, 2010. Disponível em: <<https://ndi.ufsc.br/files/2012/02/Diretrizes-Curriculares-para-a-E-I.pdf>> Acesso em 25 out. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 3v. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol.2. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume2.pdf>> Acesso em 05 nov. 2019.
- BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, 3v. Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998, vol.3. Disponível em: < <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/volume3.pdf>> Acesso em 05 nov. 2019.
- COLI, Jorge. *O que é Arte*. Coleção Primeiros Passos. 15ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CRUZ, Ivan. *Brincadeiras de criança*. Disponível em: < <https://www.ivancruz.com.br/>> Acesso em 22 maio. 19.
- Educa mais Brasil. *Arte Contemporânea*. Disponível em: < <https://www.educamaisbrasil.com.br/enem/artes/arte-contemporanea>> Acesso em 16 dez. 2019.
- GUERRA, Ludmila. *Entrevista Ivan Cruz em seu Ateliê* – Multirio. Disponível em: <<https://youtu.be/tz1vUetSeSg>> Acesso em: 12 abr. 2019.
- LOYOLA, Geraldo Freire., PIMENTEL, Lucia Gouvêa. *Reflexões sobre materiais didático-pedagógicos para Arte*. Texto retirado da Tese PROFESSOR-ARTISTA-PROFESSOR: Materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. (Doutorado em Artes) Escola de Belas Artes. Universidade Federal de Minas Gerais. Belo Horizonte, MG, 2016. Tese disponível em: <<http://migre.me/wa0GO>> Acesso em 08 dez. 2019.
- MARTINS, Mirian Celeste. *Entrevistas: a inquietude de professores propositores*. Universidade Federal de Santa Maria. Centro de Educação. V. 31 - n. 02, p. 227-240, 2006. Disponível em: <http://www.ufsm.br/ce/revista>. Acesso em 08 dez. 2019.
- MARTINS, Simone R.; IMBROISI, Margaret H. *Impressionismo*. Disponível em < <https://www.historiadasartes.com/nomundo/arte-seculo-19/impressionismo/>>. Acesso em 01 dez. 2019.
- OSTETTO, Luciana E.; LEITE, Maria Isabel. *Arte, infância e formação de professores: autoria e transgressão*. Coleção Agere. São Paulos: Papiurs, 2015. Disponível em:

<<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=3x2FrBUo3asC&oi=fnd&pg=PA11&dq=ostetto+arte+infancia+e+formacao+de+professores&ots=Lsv8io93dl&sig=P2Zw2PNTUGoD9K4RnpMUDO8bgOl#v=onepage&q=ostetto%20arte%20infancia%20e%20formacao%20de%20professores&f=false>> Acesso em 14 jan. 2020.

PILLAR, Analice Dutra. *Leitura e releitura*. In: PILLAR, Analice Dutra (Org.) *A Educação do Olhar no ensino das artes*. 4ª ed. Porto Alegre: Mediação, 2006.

RODRIGUES, Daniele Nascimento. *Pintura na Educação Infantil: Experiências artísticas, descobertas e exploração de técnicas a partir da produção de tintas naturais*. Orientador: Maria Luiza Dias Viana. 2013. 44 p. Monografia (Curso de Especialização de Artes Visuais do programa de Pós Graduação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Conselheiro Lafaiete, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/BUOS-9KSM5K>>. Acesso em 27 out. 2019.

SANTOS, Rosana Aparecida Alves. *A cor como elemento básico da pintura no ensino de artes visuais*. Orientador: Claudia Regina dos Anjos. 2013. 41 p. Monografia (Curso de Especialização de Artes Visuais do programa de Pós Graduação) - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013. Disponível em: <<https://repositorio.ufmg.br/handle/1843/VRNS-9MXR8K?show=full>> Acesso em 27 out. 2019.

SILVA, Elizangela Aparecida *et al.* Fazendo arte para aprender: A importância das artes visuais no ato educativo. *Pedagogia em ação*, PUC Minas, ano 2010, v. 2, ed. 2, p. 1-117, nov/2010. Disponível em: <<http://periodicos.pucminas.br/index.php/pedagogiacao/article/view/4850>> Acesso em 27 out. 2019.

SOUZA, Alcido Mafra de Souza. *Artes plásticas na escola*. 3º ed. Rio de Janeiro: Edições Bloch, 1970.